

# FORMAÇÃO DE MONITORES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO: DA TEORIA À PRÁTICA

Isabel Cristina Dib BARIANI <sup>1</sup>

Neste artigo é relatada a experiência de professores responsáveis por uma oficina planejada com o objetivo de oferecer um espaço de reflexão e vivência para capacitar e promover o desenvolvimento do estudante universitário para o exercício da monitoria em disciplinas de cursos de graduação.

A monitoria, no contexto educacional, pode ser definida como um procedimento pedagógico no qual um estudante que tem mais conhecimento ou mais habilidade oferece suporte para os colegas realizarem atividades acadêmicas, no sentido de contribuir com o processo de aprendizagem, seja fornecendo esclarecimentos e informações relacionadas ao conteúdo do curso, ou ensinando a utilizar os materiais e equipamentos, ou ainda orientando sobre a realização de atividades específicas.

Embora seja bastante valorizada atualmente pelas escolas, especialmente pelas Instituições de Ensino Superior (IES), a monitoria não é um recurso novo. A tradicional Escola Monitorial teve origem na Inglaterra, no final do século XVIII, devido à carência de professores habilitados. O sistema funcionava com crianças mais velhas ensinando as mais novas, não recebendo remuneração. No Brasil, temos registros de funcionamento de monitoria em

1823, subordinada ao Ministério da Guerra. No ensino superior só foi regulamentada em 1968, com a Lei da reforma universitária (Bello, 1945; Barnard, 1969; Federeghi, 1989).

Na PUC-Campinas, historicamente, a monitoria tem sido utilizada como um importante recurso para o desenvolvimento dos projetos pedagógicos dos diferentes cursos. Atualmente, são desenvolvidos, em cada semestre letivo, mais de 300 projetos de monitoria nos diferentes cursos, com cerca de 500 estudantes monitores envolvidos em quase 4000 horas de atividades relativas a esses projetos.

Embora haja pouca literatura referente a esse assunto, estudiosos concordam quanto à grande relevância dessas atividades, que trazem benefícios para os diferentes segmentos envolvidos, para os professores e o desenvolvimento dos programas das disciplinas e os projetos pedagógicos dos cursos e para os alunos - os monitores e os alunos monitorados (Federighi, 1989; Ventura e Bariani, 1996; Guedes, 1998, Natário, 2001 e Bariani, 2007).

Assim, se a monitoria surgiu para suprir a insuficiência de professores, hoje, a monitoria acadêmica nas IES é tida como um procedimento que contribui para a melhoria do ensino

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Unicamp; Professora da Faculdade de Psicologia da PUC-Campinas.

de graduação, além de ser um importante espaço para a formação do futuro professor universitário. No entanto, embora seja reconhecida como uma iniciação à docência, como sustentado por Nunes (2007), nem sempre as funções exercidas pelo aluno-monitor são apropriadas. Mesmo em situações em que as normas institucionais para tal estão claramente determinadas, na prática, acontecem desvios e pode-se ver o monitor sendo subestimado em seu papel e funções, sendo-lhe atribuídas apenas tarefas muito simples. Por outro lado, ele pode ser superestimado e solicitado a executar algumas tarefas que não lhe competem e que são específicas do professor (Nunes, 2007 e Dias, 2007).

Nesse sentido, apesar de haver consenso sobre a grande importância da monitoria, nem sempre essa prática ocorre a partir de um planejamento específico para o seu funcionamento, em especial no que concerne ao preparo do estudante para o seu exercício. Os monitores são aprendizes e como tal devem ser cuidadosamente instruídos para assumir o papel e as funções próprias da monitoria, conforme asseveram Abreu e Masetto (1989), Natário (2001), Dias (2007), Nunes (2007), e Bariani, (2007).

Mediante esse contexto, considerando a relevância e a necessidade de habilitar o estudante para o exercício eficaz na monitoria, em 2008, o Grupo de Trabalho sobre Monitoria<sup>2</sup>, vinculado à Pró-Reitoria de Graduação da PUC-Campinas, se dedicou ao planejamento de uma Oficina destinada ao preparo do monitor.

Essa Oficina foi concebida aos moldes de uma proposta similar que funcionou na Universidade em 2006, ou seja, como uma Prática de Formação. Assim, para entender o seu funcionamento, é necessário que se compreenda esta proposta, que passa a ser brevemente descrita.

As Práticas de Formação foram criadas em 2000, com a reestruturação curricular dos cursos de graduação da PUC-Campinas, visando oferecer ao aluno ampliação e enriquecimento de sua formação acadêmica, acrescentar conteúdos e experiências de diversas áreas do conhecimento, além de propiciar convivência entre alunos de vários cursos e a oportunidade para desenvolver novas habilidades e competências. As Práticas de Formação são parte integrante dos currículos dos cursos de graduação da Universidade, portanto, devem ser cursadas junto com os demais componentes curriculares. São escolhidas dentre um extenso rol de atividades, oficinas e cursos propostos por professores dos diferentes cursos da universidade e o aluno se matricula naquelas que considerar que melhor enriquecerão sua formação humana, universitária e profissional. No decorrer da graduação, todos os estudantes devem cumprir um número determinado de créditos de Práticas de Formação equivalente ao de semestres do curso frequentado - cada 17 horas-aula de Práticas de Formação correspondem a 1 crédito<sup>3</sup>.

### A Proposta de Formação de Monitores

A Prática de Formação denominada "Formação de Monitores de Cursos de Graduação: da Teoria à Prática" é uma oficina que, em um espaço dinâmico, oferece instrumentos ao aluno que desempenha ou pretende desempenhar o papel de monitor em disciplinas do seu curso de graduação. Oferece a oportunidade de se adquirir conhecimentos sobre a monitoria no contexto da universidade, considerando as diferentes modalidades (aulas práticas, teóricas e de estágio), o papel e as

<sup>2</sup> À época esse grupo era composto por professores dos diferentes Centros da Universidade, a saber, Isabel Cristina Dib Bariani – Centro de Ciências da Vida, Julio Diniz Júnior – Centro de Economia e Administração, Nelson de Carvalho Mendes – Centro de Ciências Exatas Ambientais e de Tecnologias, Nivaldo Doro Jr – Centro de Ciências Humanas, Roberto Silva Junior – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Simone Cecília Pelegrini da Silva – Centro de Linguagem e Comunicação.

<sup>3</sup> Para complementação das informações sobre as Práticas de formação ver Ventura, C. S. et al. *Série Acadêmica*. PUC-Campinas, n. 22, p. 65-82, jan./dez. 2007.

funções do monitor, além de desenvolver um “novo” olhar crítico a respeito do processo ensino-aprendizagem. Busca propiciar o desenvolvimento de habilidades e competências, instrumentalizando o aluno para o desempenho dessa atividade acadêmica.

Especificamente, os conteúdos trabalhados durante as aulas são os seguintes:

- Universidade - ensino, pesquisa e extensão;
- O Projeto Pedagógico da PUC-Campinas;
- Portaria sobre Monitoria na PUC-Campinas;
- Papel e funções do monitor - aspectos teóricos e conceituais;
- Monitoria - suas relações com as questões do currículo e do Projeto Pedagógico dos cursos de graduação;
- Relações interpessoais e o processo de ensino e de aprendizagem;
- Dificultadores e facilitadores do exercício da monitoria - possíveis soluções e encaminhamentos para as dificuldades encontradas;
- Elementos para elaboração de uma proposta de trabalho de monitoria.

A Oficina é desenvolvida em grupos com módulo de 36 alunos, em 17 horas-aula e utiliza como metodologia a exposição dialogada, a discussão, a problematização, a vivência em grupo e a elaboração de uma proposta de trabalho, sendo a avaliação realizada de modo processual. É interessante mencionar que têm sido oferecidas turmas nos três campi da Universidade<sup>4</sup>, de modo a favorecer a participação dos alunos dos diferentes cursos.

No primeiro dia de aula há a aplicação de um questionário de sondagem, que foi

elaborado tendo como base o que Natário (2001) construiu para o seu estudo, que teve como propósito testar as contribuições de um programa de capacitação de monitores, no qual é perguntado: motivos para a escolha desta Prática de Formação; experiências em monitoria; motivos considerados mais relevantes para se querer ser monitor; características ou atributos necessários para o exercício das funções de monitor; principais dificuldades enfrentadas no desempenho da monitoria; aspectos em que a monitoria mais pode auxiliar na formação profissional do monitor; importância das atividades de monitoria para o processo ensino-aprendizagem na Universidade; procedimentos a serem adotados quando o monitor se depara com um aluno que não quer aprender; pretensão em seguir carreira acadêmica.

Ao longo das aulas, sempre que pertinente ao conteúdo planejado, as respostas ao questionário são objeto de análise e discussão. No último dia de aula, é solicitado que os alunos novamente se manifestem sobre os mesmos aspectos, havendo o acréscimo de uma questão para avaliar a oficina, ou seja, é pedido que redijam um depoimento avaliativo sobre a Prática de Formação “Formação de Monitores de Cursos de Graduação: da Teoria à Prática”.

A maioria dos estudantes que cursou a Oficina indica que pretende ser monitor futuramente e uma grande quantidade afirma que já foi monitor em semestre(s) anterior(es) e continua sendo. Os que já são monitores apontam que escolheram a oficina com a expectativa de melhoria da atuação como monitor, de aperfeiçoamento da didática e de técnicas, para aprender e aprimorar os conhecimentos sobre a função do monitor, melhorar a formação e superar a timidez. Os que pretendem ser monitores no futuro sustentam que fizeram a escolha para conhecer como funciona a atividade de monitoria, desinibir e aprender a falar diante de pessoas, melhorar o

<sup>4</sup> Atualmente, os professores responsáveis são Iracema Linek Vidigal, Isabel Cristina Dib Bariani e Nivaldo Doro Junior.

relacionamento com os alunos e com a faculdade.

Dentre os motivos alegados para querer ser monitor, o mais frequentemente mencionado é a afinidade com a disciplina. Mas são citados, também, o desenvolvimento pessoal, a atividade extracurricular e o interesse pela carreira universitária. É interessante destacar que a remuneração financeira é indicada por uma parcela bastante pequena de estudantes como um motivador para a monitoria.

De um modo geral, tanto no início da Oficina quanto no final, são indicados os mesmos atributos ou características como importantes para o exercício da função de monitor, não havendo nenhum aspecto notadamente destacado. São apontados como necessários ao monitor: interesse pela disciplina e domínio do seu conteúdo; interesse na carreira docente; ter didática, saber e gostar de explicar e de tirar dúvidas, ter interesse no processo ensino-aprendizagem e motivação para colaborar com esse processo; estudar muito e ter interesse em buscar conhecimento; ser dinâmico, disciplinado, pró-ativo; ser sociável, gostar de lidar com pessoas, ter boa relação com os alunos e professor; ser desinibido para falar em público, comunicativo; não ter preconceitos, ter respeito, ser educado, empático, paciente, prestativo, responsável, dedicado, esforçado, comprometido, receptivo, crítico, curioso, criativo; gostar de desafios; ser seguro e maduro; exercer liderança; ser flexível e exigente ao mesmo tempo; aceitar críticas e estar disposto a mudar; ter disposição e disponibilidade de horário; procurar sempre saber sobre o que é a monitoria.

A falta de conhecimento teórico e/ou prático, a falta de orientação do professor responsável pela monitoria, as dificuldades de relacionamento interpessoal e a solicitação excessiva dos alunos são as principais dificuldades mencionadas como as mais frequentemente enfrentadas ou que poderão ocorrer no desempenho da Monitoria.

Os aspectos mais indicados sobre a monitoria como aqueles que podem auxiliar a formação profissional são: possibilidade de rever e aprofundar os conteúdos aprendidos, aprimoramento didático-pedagógico, enriquecimento de currículo e incentivo à carreira docente.

A totalidade dos alunos frequentadores da oficina considera que as atividades de monitoria são importantes para o processo ensino-aprendizagem na Universidade. São apresentadas justificativas relacionadas ao próprio monitor, ao aluno monitorado, ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, dentre as quais: o monitor pode rever e aprofundar conteúdos, ter mais empenho ao se dedicar aos estudos; abre as portas para a carreira docente, enriquece o currículo, ajuda o desenvolvimento da habilidade para lecionar; ajuda os alunos que têm dificuldades, esclarecendo dúvidas, auxilia na aprendizagem dos alunos, o conhecimento é tratado com uma linguagem mais simplificada, o aluno não tem vergonha do monitor, nem sempre o professor está disponível para atender aos alunos; auxilia o professor; a relação entre os alunos aumenta e eles aprendem juntos, há relação de troca de aprendizagem, o monitor ensina e aprende. São exemplos dos relatos dos estudantes:

*“Possibilita um maior contato com o sistema da faculdade e com os conteúdos da matéria”;*

*“O monitor, por estar mais próximo ao aluno, compreende melhor suas dificuldades”;*

*“Com a monitoria, tanto o monitorado quanto o monitor aprendem algo novo”;*

*“É uma troca mútua aluno-monitor-professor”.*

Ao término da Oficina, de um modo geral, são apontados os mesmos aspectos já mencionados no momento inicial. Percebe-se, no entanto, que as justificativas apresentadas são mais elaboradas e enfáticas. São destacados os benefícios para o próprio monitor que se desenvolverá, terá crescimento pessoal e a sua formação acadêmica favorecida. É dito que a

experiência em monitoria impulsiona para a carreira acadêmica. É salientado que, por ser mais próximo dos alunos, o monitor pode ajudá-los na mediação com o professor, além de oferecer mais assistência e atenção. Alguns alunos enfatizam a importância da monitoria alegando vários aspectos, como aparece nos seguintes fragmentos:

*“Com a Monitoria, a Universidade oferece a oportunidade de o aluno monitor auxiliar o professor, se ‘especializar’ na disciplina, ajudar os colegas com o conteúdo”;*

*“Para o monitor é possível fixar, aprofundar os conceitos anteriormente aprendidos, para os monitorados é possível contar com a ajuda extra de um colega mais experiente na matéria e, para o professor, contar com a ajuda do monitor para desenvolver seu trabalho de maneira mais dinâmica e melhor”.*

Nos casos em que o monitor se depara, na monitoria, com um aluno que não quer aprender são indicadas as seguintes alternativas a serem adotadas: conversar sobre os motivos e o interesse pela matéria e pelo curso; demonstrar a importância do aprendizado; buscar novos métodos e uma maneira mais dinâmica de ensinar; dedicar atenção especial ao aluno; tentar se aproximar mais do aluno; mostrar que ele é capaz de aprender; incentivar a estudar; conversar com os amigos do aluno, para que o incentivem; deixar o aluno ciente de que se não se esforçar será reprovado; comunicar ao professor; conversar com o professor para juntos tomarem uma decisão. Há ainda uma minoria que sugere que nada deve ser feito, ou que o aluno deve ser ignorado, pois o aluno deve se esforçar.

A maioria dos estudantes sustenta que gostaria de ser professor universitário após concluir o seu curso de graduação. Considerando que esses alunos são monitores, ou têm interesse em ser monitor, pode-se afirmar que, de fato, a monitoria funciona como uma iniciação à carreira docente, o que vai ao

encontro da literatura que sustenta haver uma estreita relação entre o exercício da monitoria e a formação do professor universitário.

Os depoimentos avaliativos sobre esta Prática de Formação sugerem que a Oficina tem atingido seus objetivos. Os alunos sinalizam que a Prática de Formação é bem dinâmica e interessante; é estimulante ter alunos-monitores e não monitores, para troca de experiências; propicia o relacionamento aluno-aluno e aluno-professor; contribui para o autoconhecimento; propicia a aquisição de conhecimento sobre o processo de Monitoria, as funções do monitor (direitos e deveres) e sobre a Universidade; serve para conhecer melhor o porque das monitorias e como elas funcionam nos “bastidores” das faculdades; ajuda a superar inseguranças em relação à monitoria; incentiva para se querer ser monitor; contribui muito para a formação e capacitação do monitor; contribui para a formação profissional. Nos relatos apresentados a seguir aparecem alguns dos aspectos destacados.

*“Esta prática de formação foi de grande importância para mim, ajudando muito no meu desempenho como monitora”;*

*“A prática de formação foi importante para mim pois, além de convívio com pessoas de vários cursos, aprendi os direitos dos monitores e o que realmente é ser monitor”;*

*“A prática de formação atendeu às minhas expectativas, de modo que abordou sobre o propósito de uma matéria ter monitor, como este monitor deve se comportar em relação aos alunos, quais são suas funções e etc. Tudo isso foi mostrado a partir de muitas dinâmicas que fizeram refletir quais as características necessárias para se obter um bom relacionamento entre monitor-aluno, monitor-professor. Também achei agradável o modo como a sala toda interagiu, se relacionou e discutiu várias questões”.*

Além disso, é destacada por alguns alunos a necessidade de replanejamento da proposta da Oficina para atender mais aprofundadamente algumas de suas necessidades, nomeadamente dos que já são monitores, quanto ao enfrentamento das dificuldades no cotidiano do desenvolvimento da monitoria. Há a expectativa de que as deficiências do aluno-monitor sejam identificadas para que sejam indicados caminhos para suplantá-las; que haja propostas voltadas à aprendizagem de estratégias e ao desenvolvimento de habilidades para o enfrentamento de dificuldades, especialmente aquelas relativas à aprendizagem dos alunos.

De um modo geral, os dados apontados pelos estudantes frequentadores da Oficina vão ao encontro daqueles encontrados na pesquisa de Natário (2001), como resultado da aplicação do seu Programa de Monitoria. As contribuições mais reconhecidas pelos alunos-monitores como ganhos advindos da participação no programa de intervenção de Natário são referentes à interação social, ao aprimoramento didático pedagógico, ao aprofundamento nos estudos e ao incentivo à carreira docente. Ainda é destacado pela autora, que os participantes apontam, como sugestão para trabalhos futuros, a inclusão de discussões sobre as estratégias de ensino, da mesma forma que proposto na Oficina.

## Considerações finais

Após o desenvolvimento dessa Prática de Formação com oito grupos de estudantes, os resultados obtidos sugerem aos seus professores que a proposta tem se mostrado bastante eficaz e, portanto, o seu oferecimento deve ser mantido. Depreende-se, a partir das experiências, que a frequência a essa oficina é a oportunidade para os alunos - tanto os que já são monitores como os que ainda não o são - adquirirem ou aprofundarem seus conhecimen-

tos sobre o Programa Institucional de Monitoria e sobre o papel e as funções desempenhados pelo monitor, a partir de documentações normativas. Pelo caráter da oficina, são proporcionadas ao estudante discussões e vivências que visam o aprimoramento do desempenho das atividades do cotidiano do monitor.

Essas experiências, ao favorecerem a identificação das dificuldades que impedem o estudante de exercer suas potencialidades, propiciam uma participação mais ativa no processo de transformação do espaço acadêmico. Ademais, é oferecida a possibilidade de aprimoramento didático-pedagógico e a reflexão sobre as relações humanas que permeiam o processo educativo e, de um modo geral, a vida em sociedade. Além disso, a oficina tem oportunizado o contato entre alunos de diferentes cursos, ampliado as amizades, o conhecimento da realidade de cada curso e a superação de estereótipos sobre os estudantes de determinados cursos.

Nesse contexto, pode-se sugerir que os professores recomendem aos seus monitores e aos alunos interessados em monitoria a frequência a essa oficina. Ademais, o cumprimento da Prática de Formação "Formação de Monitores de Cursos de Graduação: da Teoria à Prática" poderia ser adotado como um critério prioritário de seleção dos candidatos à monitoria.

Apesar de considerar a frequência a essa oficina um elemento importante no processo de instrumentalização do monitor, a sua capacitação não se encerra com isso. É imprescindível que o estudante receba do professor do qual é monitor as devidas orientações sobre as atividades que podem ser iniciadas com a leitura e a discussão do projeto de monitoria da disciplina. Igualmente, o professor deve esclarecer as funções e obrigações específicas do aluno-monitor, preparar para a realização das atividades e, continuamente, avaliar e dar *feedback*.

Finalizando, convém ressaltar que é imprescindível que as IES zelem atentamente por seus programas de monitoria, não somente com vistas aos seus futuros quadros de docentes, uma vez que a monitoria é reconhecida como a oportunidade de iniciação à docência, mas pelo que representa no cotidiano do desenvolvimento dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação. Em especial, há de se incentivar a aprendizagem colaborativa entre universitários, que torna o processo educativo menos ameaçador e mais divertido e desafiador (Damon e Phelps, 1989, *apud* Fior, 2008). Ademais, como destacado por Chickering e Reisser (1993, *apud* Fior, 2008, p. 2), “de uma maneira direta o professor mais importante do universitário é o outro estudante”.

## Referências

- ABREU, M. C. de e MASETTO, M. T. *O Professor Universitário em Aula: Prática e Princípios Teóricos*. SP, MG Editores Associados, 1989.
- BARIANI, I. C. D. *Experiências em Monitoria*. I Encontro de Monitoria, PUC-Campinas, 2007. Disponível em CD-ROM.
- BARIANI, I. C. D.; POLYDORO, S. A. J.; ENATÁRIO, E. G. Papel das Atividades Não-Obrigatórias na Formação do Universitário. *1º Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão*. www.crpsp.org/congressocienciaeprofissao, 2002.
- BELLO, R. de A. *Esboço da História da Educação*. SP, Editora Nacional, 1945.
- BARNARD, H. C. Education during the first party of nineteenth century. Elementary Education. In: *History of English Education - from 1760*. University of London Press, 1969.
- DIAS, A. M. I. A monitoria como elemento de iniciação à docência: idéias para uma reflexão. In: Mirza Medeiros dos Santos; Nostradamos de Medeiros Lins. (Org.). *A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias*. 1 ed. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2007, v. 9, p. 37-44.
- FEDERIGHI, M. D. *Monitoria na 5ª série: Uma proposta pedagógica*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, USP, 1989.
- FIOR, C. A. *Interações dos universitários com pares e envolvimento acadêmico: análise através da modelagem de equações estruturais*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação UNICAMP, 2008.
- GUEDES, M. L. Monitoria: uma questão curricular e pedagógica. *Série Acadêmica*, n. 6, 03-09, PUC-Campinas, 1998
- NATÁRIO, E. G. *Programa de Monitores para Atuação no Ensino Superior: Proposta de Intervenção*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001.
- NUNES, J. B. C. Monitoria acadêmica: espaço de formação. In: Mirza Medeiros dos Santos; Nostradamos de Medeiros Lins. (Org.). *A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias*. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2007, v. 1, p. 45-57.
- VENTURA, C. S. C. E BARIANI, I. C. D. A Monitoria no Curso de Psicologia da PUCCAMP: Descrição do Funcionamento e Opiniões de Professores, Monitores e Alunos sobre esta Prática. *Anais do III Congresso Nacional de Psicologia Escolar*, 203-206. ABRAPEE / UERJ. Rio de Janeiro, RJ, 1996.

